

Procu-ro-te na origem das raízes!  
Procu-ro-te no início da semente:  
– antes que germinaste, de repente,  
nesse acesso de aromas e matizes.

Ah! procuro-te quando eras somente  
suspiro, anseio, vibração... ah! dizes  
como agrupaste, as células matrizes,  
nesse efêmero sonho recendente?

Ah! penetrar na tua textura:  
nos músculos, nos vasos, na nervura,  
no íntimo essencial de teus tecidos!

e descobrir a fonte que origina:  
a seiva que te escorre cristalina,  
e a dor de teus espinhos renascidos...

Pompílio O. Vieira, O Enigma da Rosa; em  
Revista da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador,  
1999 – nº 1, I Concurso Nacional de Poesia

A pé os dois discípulos de Buda,  
um velho e um jovem, seguem pela estrada.  
Junto a um regato, a lhes pedir ajuda  
para vadeá-lo, a moça vêem parada.

Ao ver a moça, o jovem monge muda  
o seu semblante. O encontro o desagrada.  
Fizera um voto e nele, então se escuda,  
pois com mulheres ele não quer nada.

Às costas pondo a moça, o velho monge  
transpõe o riacho. Quando ela ia longe,  
o jovem censurou do velho o ato.

E o velho diz: “Censura-me? Pois ouça:  
você vem carregando aquela moça  
após atravessarmos o regato”.

Ziver Ritta, Uma Parábola Zen, em  
Fanal 0202

É sorrateira... chega de improviso.  
Não há ninguém que a queira ou que a cobice!  
Tento aceitá-la... sinto que é preciso  
pois, expulsá-la, eu acho que é tolice.

Não bate à porta... entra sem aviso.  
Põe em meu rosto triste, tal meiguice!  
E me faz calma... abrandando o meu sorriso  
me dá também um quê de criança.

Mas, não vem só... me traz esta saudade  
e a nostalgia desta dor que invade  
meu coração e nele se encarcera.

Pondero bem... e ao discutir comigo  
refaço sonhos e, feliz, lhe digo  
“Entre, velhice... estava à sua espera!”

Therezinha Dieguez Brisolara, Aceitação, em  
O Desafio, 0204

Por estranhas preterida,  
no auge de sua beleza,  
nas estantes, esquecida,  
chora a Língua Portuguesa...

Se alguém brigou por amor,  
ou é ciúme ou intriga...  
Quem ama não tem rancor,  
e por amor ninguém briga!

Mar e amor... triste igualdade  
nos caprichos e ironia:  
em ambos, a tempestade  
vem depois da calmaria.

Heribaldo Gerbasi, em  
BI IBT São Paulo 0206

Entre os percalços da vida,  
entre dores tão tamanhas,  
só encontrei a fé perdida  
no sermão... o da Montanha.

Só se conquista o sublime  
tão real como a verdade,  
quando algo em nós nos intime  
agir com simplicidade.

Descansa em paz nesta tumba  
a esposa do macumbeiro,  
que a surpreendeu na macumba,  
baixando em outro terreiro.

P. de Petrus, em  
Milênio 0108

“Mais son probe, ¡mal pecado!,  
a miña terra n’ é miña,  
que hastra lle dan de prestado  
ó que nacéu desdichado.

[..... ]  
¡Adiós tamén, queridíña...!  
¡Adiós por sempre quizáis...!  
Digoche este adiós chorando  
desde a beiriña do mar.  
Non me olvidés, queridíña,  
si morro de soídás  
tantas légoas mar adentro...  
¡Miña casaña!, ¡meu lar!”

“¿Qué pasa ó arredor de min?  
¿Qué me pasa que eu non sei?”

“¡Mar!, cas túas auguas sin fondo,  
¡ceol!, ca túa inmensidá,  
o fantasma que me aterra  
axudádemme a enterrar.”

“Triste é o cantar que cantamos,  
¿mais qué facer  
si outro mellor non hai?”

“Era apacible el día  
y templado el ambiente,  
y llovía, llovía  
callada y mansamente;  
y mientras silenciosa  
lloraba yo y gemía,  
mi niño, tierna rosa,  
durmiendo se moría.”

“¡Llorar! ¿Por qué?

Fortuna es que podamos  
abandonar nuestras humildes tierras;  
el duro pan que nos negó la patria,  
por más que

los extraños nos maltraten,  
no ha de faltarnos en la patria ajena.”

“Y los hijos contentos se sonrían,  
y la esposa, aunque triste,  
se consuela

con la firme esperanza  
de que el que parte

ha de volver por ella.

Pensar que han de partir,

ese es el sueño

que da fuerza en su angustia,

a los que quedan;

¿cuánto en ti pueden padecer,

oh patria!

¡si ya tus hijos sin dolor te dejan!”

Rosalía de Castro de *Murguía*  
(21.02.1837 – 15.07.1885), em Historia da Literatu-  
ra Espanhola e Hispanoamericana, Volume VI,  
Ediciones Orgaz, Madrid, 1980.

Ignorante  
do que quero,  
tenho seguido  
evitando  
o que abomino  
— o que me fadiga,  
o que me fere,  
me adoece  
ou tira o viço.  
Assim, na vida,

em que pese  
o que se me impôs  
de sacrificio,  
não me faltou gozo,  
e sorriso;  
e assim, minha vida,  
em que pese  
o aparente desalinho,  
adquiriu até um certo  
contorno definido.

**Ovillojo.** *Lit.* Combinación métrica  
compuesta de 10 versos en que  
alternan tres octosílabos con tres  
quebrados, rimando dos á dos, y  
termina por una redondilla cuyo  
último verso recoge los versos que-  
brados. La caprichosa estructura del  
ovillojo que le conviene en una de  
esas combinaciones poéticas seme-  
jante á las acrósticos, hace que sea de  
poco uso y que, en general, haya sido  
desdénado por los verdaderos poetas,  
siendo dignos de mención, entre  
otros ejemplos, los tan conocidos de  
Cervantes (1547-1616):

¿Quién menoscaba mis bienes?  
Desdenes.

¿Y quién aumenta mis duelos?  
Los celos.

¿Y quién prueba mi paciencia?  
Ausencia.

De ese modo en mi dolencia  
ningún remedio se alcanza,  
pues me matan la esperanza  
desdenes, celos y ausencia.

¿Quién me causa este dolor?  
Amor.

¿Y quién mi gloria repuna?  
Fortuna.

¿Y quién consiente mi duelo?  
El cielo.

De ese modo yo recelo  
morir deste mal extraño,  
cuando se aunan en mi daño  
amor, fortuna y el cielo.

¿Quién mejorará mi suerte?  
La muerte.

Y el bien de amor ¿quién le alcanza?  
Y sus males ¿quién los cura?

De ese modo no es cordura  
querer curar la pasión,  
cuando los remedios son  
muerte, mudanza y locura.

Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-  
Americana Espasa-Calpe, S.A., Madrid, 1968

**Ovillo** *sm* novelo Fig. rolo, nó, coisa enrolada.  
*Coloq.* hacerse un ovillo; enrolar-se, atrapalhar-se.

Praia Grande, apartamento térreo. Um corredor  
comprido ligando sala, cozinha, dois quartos e  
banheiro. As janelas, são de grades (tempo  
houve que não tinham).

Certa manhã, um filhote de pássaro atravessou-  
s pela cozinha e, qual um bólido, foi até o fim  
do corredor.  
No chão, dando meia volta, postou-se de frente  
a mim no outro extremo. Olhamo-nos, creio eu.  
Breve momento e o mesmo caminho de volta  
reto e rápido. Brevetado.

No primeiro vôo,  
filhote aflito no chão.  
O ninho lá em cima.

Blusões. Luvas. Malhas.  
O sol sob um cachecol  
azul se agasalha.

A sós, conversando...  
Suave é a voz... Atenta,  
uma ave o está escutando...  
São Francisco

É paz. Refrigério.  
Da mão para o coração.  
Gosto de mistério.  
Hósta

Não a da cisterna.  
Aquela que nos revela,  
beber vida eterna.  
Água Viva

Cego. Contriuto ora.  
No coração a visão  
de Nossa Senhora.  
Éxtase

Na mesa oração,  
comê-lo sem entendê-lo,  
farta o coração...  
Pão Vivo

Mãos postas. Confiança.  
Santa Teresinha imanta  
a alma de esperança.  
Devoção

Taça de amargura.  
Deus testa no Filho seu,  
a humana criatura.  
Horto das Oliveiras

Cyro Armando Catta Preta, de Sazões Fugazes e Rosa Rosário – 0203;  
Gráfica e Editora Folha de Orliândia Ltda., Fone 0 16 3826-1606 – E-mail:  
folhadeorlandia@netstate.com.br  
Rua 8 nº 934, Centro  
14620-000 – Orliândia, SP

Se há nesta vida um Deus para os acasos  
e pela humanidade o bem reparte,  
que te dê da Fortuna a melhor parte,  
que venturas te dê sem lei, nem prazos,

eu de alegria, tenho os olhos rasos  
de lágrimas, querida, ao vir brindar-te,  
quando vejo que, até para saudar-te,  
as flores se debruçam pelos vasos!

O meu brinde é sumário, curto, breve.  
Se a um nome que se quer, quando se escreve,  
quebra-se a pena em traços ideais,

um anjo como tu, quando se brinda,  
têm-se a missão cumprida e a festa finda:  
quebra-se a taça, não se bebe mais!

Segundo o Thalma Tavares, este soneto há cerca de dois anos foi publicado  
pela revista Literas, da Academia Riberiãopretana de Letras com o título  
*Brinde à Vida* e de autoria de *J. Wilson Sexas Santos*. Por sua vez, Walter  
Rossi selecionou-o da Pequena Edição Sonetos Brasileiros 1915, de  
Laudelino Oliveira Freire (1873-1937) com o título *Brinde de Honra*, de  
autoria de *Américo Moreira*. Favor anotarem.  
SF 0205

“Conheço este belo soneto há mais de quarenta anos. Inicialmente  
publicado num encarte da antiga revista *Idílio* e depois em outras  
publicações. Eu o disse certa vez, com o ar dos jovens apaixonados,  
à uma jovem que festejava na ocasião os seus 17 anos e de quem  
eu andava enamorado. Lembro-me bem de que, ao final do soneto,  
para dar um tom de autenticidade à declamação, quebrei na borda da  
mesa a taça com a qual me servira. A moça me agradeceu o brinde  
com um brilho diferente nos lindos olhos verdes. Mas minha *perfor-*  
*mance* não agradou a todas as pessoas, especialmente à mãe da  
homenageada que me olhou como se eu fosse um vândalo, certamen-

A cruz se arrastada  
é fardo pesado. É nardo  
levada abraçada.  
Opção

Festa. Luz. Presentes.  
Mas o Dono ao abandono,  
à margem, é ausente.

Natal  
Boi. Burrico, ovelha.  
Jesus faz a treva em luz.  
Um pastor se ajoelha...

Presépio  
Assinalando o ombro,  
a Cruz que cada um conduz  
é luz ou escombro.

Variação  
Saber escolher  
o chão onde vai o grão  
é farto colher...

Semeador  
Graça. Sedução.  
A dança é a mão de vingança  
que degola João.

Salomé  
É bom atentar!  
Quem recebeu, esse tem  
contas a prestar!

Talento  
A multidão cega,  
íngrata, o ídolo idolatra  
e o Senhor renega.  
Bezerra de Ouro

Cyro Armando Catta Preta, de Sazões Fugazes e Rosa Rosário – 0203;  
Gráfica e Editora Folha de Orliândia Ltda., Fone 0 16 3826-1606 – E-mail:  
folhadeorlandia@netstate.com.br  
Rua 8 nº 934, Centro  
14620-000 – Orliândia, SP

Na tarde imóvel  
seus cabelos  
balançavam  
dentro da cabeça  
havia vento.

Cláudio Alves  
Milênio 0108

“Lembrar de ti?  
Só em sonho!”  
eu disse. Mas

não dizia  
que, sonhador,  
o meu sonho

eu sonho  
também de dia!

Eno Teodoro Wanke

Reviver a infância  
não como sonho,  
antes estar nela  
como se os anos  
não tivessem  
passado.

Ser centenário  
— e festejar o primeiro  
aniversário;  
contar o tempo

da frente para trás,  
regressar  
— e lá atrás ficar

nascendo.  
Mário da Silva Brito,  
Saudade

Mário da Silva Brito,  
Saudade

A fresta do muro  
é suficiente. Cabem:  
a lua e o sol poente.  
Sonia Pereira, Resistência

Tua madrugada  
irrompe em mim  
madrigais tímidos  
e gerânios matutinos  
enquanto beijas a boca da noite  
eu me contento  
em destilar sentimentos  
na varanda dos teus medos.  
Diracy Vieira, Murmúrio

Por que me impões  
o que sabes  
se eu quero aprender  
o desconhecido  
e ser fonte  
em minha  
própria descoberta?...

Não quero a verdade  
dá-me o desconhecido.  
Como estar no novo  
sem abandonar o presente?  
Não me instruas  
deixa-me viver  
vivendo junto a mim.

Deixa que o novo  
seja o novo  
e que o trânsito  
seja a negação do presente;  
deixa que o conhecido  
seja minha libertação  
não minha escravidão...

Revela-te para que,  
a partir de ti, eu possa  
ser e fazer o diferente;  
eu tomarei de ti  
o supérfluo, não a verdade  
que mata e congela;  
eu tomarei tua ignorância  
para construir  
minha inocência.

Humberto Maturana,  
Oração do Estudante, em  
Ecopedagogia e Cidadania Planetária  
(Francisco Gutiérrez/Cruz Prado):  
Instituto Paulo Freire, 1999

Um deus me abriu a porta  
e outro a fechou,  
por que vãos e vias tortas  
vou para onde não vou?

Um anjo vou como  
entre as constelações,  
mas que adiantou ter  
voado

entre duas solidões?  
Que alma tão transparente  
em que tudo se traspassa!

O vero que é mentira  
e o mais que é só trapaça.  
Que deus mesmo me falou,  
qual o que me mentiu?

Sou eu que me calou  
ou fui eu que me ouviu?

Annibal Augusto Gama,  
Os Dois Lados da Porta, em  
OESP Cultura 020609

Quanto são os versos?  
Quantos são os grilos?  
Versos sem grilos?  
Grilos em versos?  
Grilados versos?  
Rimados grilos?  
Jairo de Matos, Grilos

TEMAS DA SAZÃO



(QUIDAI)S INVERNO

Table with 3 columns of haiku poems and authors. Topics include winter, snow, and cold weather.

SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS Remeter até 30.07.02, quigos à escolha: Dia de Santo Antônio, Figo, Louva-a-deus.

Remeter até 30.08.02, quigos à escolha: Bonina, Celeiro Rico, Noite Estrelada. Cada haicu deve ser como um instantâneo diante do quigo (palavra da sação). Evitar ao máximo pois, todo o texto impossível de ser revelado numa fotografia.

- 1. Preencher até três haicuz, (veja quigos acima, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinónimos corretos dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinónimos referentes à natureza. 2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicuz desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles. 3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicuz cujo autor deixar de votar. 4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVO À OCIDENTAL \* – TREVO PERSONAGEM\* Lágrimas do céu \* em neves resplandecentes praticando o universo. Alison Cardoso de Oliveira

HAICUS EM FOLHA

Table with 3 columns of haiku poems and authors. Topics include nature, seasons, and various scenes.

O FRUTO PROIBIDO

Luz Caramze Júnior, em O Beijo – Antologia, 1998: Casa do Novo Autor, Fone 0.11 6914-2723, Rua Vieira de Almeida 461, Sala 14, Ipiranga, CEP 04268-040 – São Paulo, SP; casadonovautor@uol.com.br

Orlandino Peixoto Filho é um homem como outro qualquer. Bom, na verdade existe um detalhe a respeito deste conceito de “ser um homem como outro qualquer” que não sei o quanto fará diferença nos critérios de você, leitor. O fato é que em toda a sua vida, até o presente momento em que escrevo estas linhas juramentadas, Orlandino Peixoto Filho nunca beijou ninguém. Ninguém mesmo. E não estou falando só daqueles beijos cinematográficos, quilométricos, exuberantes excitantes e tantos outros antes; falo também de simples beijos, os de esticar os lábios unidos e provocar, numa pequena contração, um som de estalo. Desses que criança ganha da mãe antes de entrar na perua escolar. Um beijo inocente, despretenso, espontâneo. Nada, nada de nada. Parece exagero, mas até onde sei e posso confirmar, nunca beijou. Os mais antigos contam que isso é de família: o pai, Orlandino Peixoto, era contra filho seu fazendo biquinho para quem quer que seja. Cheirar, fungar cangote, isso eles podiam. Beijar não. Coisa anti-higiênica.

até que isso parecia não ser problema para Landinho. Como passava a maior parte do tempo brincando, não pensava em beijar. E como vivia sempre encardido de sujeira até o pescoço, ninguém fazia questão de beija-lo. Com o passar dos anos, as coisas mudaram: Landinho cresceu, passou a tomar banho, e se fez rapaz bonito, daqueles de balançar com os remexos das mulheres de Saragolândia. – Olhe lá, Etelevina. Não é Landinho? – E eu num sei? De longe já dá pra senti o cheiro desse homem. – Isso num é homem: é um canto de boto em noite de lua cheia. Ai..., só de pensá que nenhuma rapariga sentiu o gosto dos lábios dele... – Deixe estar, Edileuza. Ainda faça esse homem olhá pra mim com as ventas em fogo. – Que cê vai fazê? Tacá-lhe feitiço? – Tu sabi qui eu num só mulher de fazê isso. Mas mando alguém fazê... – Íxi! E quem que tu conhece que tem parte com o coisa ruim? – Ah, isso eu descobri... Tarde, Landinho... – Tarde, Etelevina. Tarde, Edileuza. Cês tão bem? – Tamo – falaram em uníssonos.

Passava meio avoadado, meio distraído, pensando na morte da bezerra. Seu olhar era penetrante, até provocante. Mas não intencional. Não entendia indireta nem provocação. Sempre na sua, parecia um vulcão de sensualidade adormecido. A espiritualidade de uma criança inocente habitando o corpo de um amante apolíneo. Essas impressões provocavam nas mulheres curiosidade e ansiedade. Aos poucos começaram a surgir histórias, algumas transformadas em lendas. Como a de que em noites de lua cheia Landinho se transformava em névoa, visitando os sonhos de todas as mulheres da cidade. Aquela que no momento da visita estivesse com sonhos puros, seria beijada por Landinho. O difícil era essas mulheres terem sonhos puros. Bem que tentavam. Outra história era de que Landinho não podia beijar porque era filho de Mata Virgem. E por ser filho da Mata Virgem, não podia beijar – confesso que, de todas as lendas e mitos que criaram em torno de Landinho, essa era a menos convincente e explicativa. O fato é que algumas mulheres mais ousadas da cidade decidiram acabar com todas essas histórias.

– Só se for por cima do meu cadáver – falou Etelevina, a líder do grupo e mentora do plano. – É isso aí. Etelevina deu a idéia, vai sê a primeira – disse Edileuza, com o firme propósito de ser a segunda nessa história toda.

E foi assim que Landinho cresceu – Landinho é como vamos chamar Orlandino Peixoto Filho a partir de agora; primeiro, porque é assim que ele é conhecido na cidade; segundo porque Orlandino Peixoto Filho é um nome bem mais comprido do que Landinho, e, assim, economizo nas linhas. Mas, voltando ao assunto, foi assim que Landinho cresceu: sem beijar. Quando criança,

– Já está tudo arranjado. Ele costuma tomar banho no riacho toda quinta. – Quando ele sair da água, a gente agarra. – Eu quero ser a primeira – disse a mais assanhada.

– Já está tudo arranjado. Ele costuma tomar banho no riacho toda quinta. – Quando ele sair da água, a gente agarra. – Eu quero ser a primeira – disse a mais assanhada.

CONTOS DE ISE (ISE MONOGATARI)

Autor(es) Desconhecido(s). Poemas originais de meados do Século X em tanças (5-7-5-7-7), Conto IV; texto adotado Den-Teika-hippon de Fujiwara no Sadaie (1162-1241). Em muito dos contos o personagem é Ariwara no Narihira (825-879), Edições Paidós Ibérica, Barcelona, 1980

Uma vez, em Gojô do Este, uma pessoa se alojava no pavilhão do Oeste do palácio da imperatriz viúva. Ainda sem ver nisso o fim essencial de sua vida, um homem a frequentava assiduamente. Ao décimo dia da primeira lua, ela desapareceu repentinamente. O homem soube onde ficava, mas como esse era um lugar que não podia frequentar, vivia sumido em penosos pensamentos. Na primeira lua do ano seguinte, quando as ameixas se achavam em plena floração, o homem voltou a Gojô para recobrar as queridas recordações do ano anterior. Olhava de pé, olhava sentado, mas nada se parecia ao que havia sido. Enquanto chorava ardentes lágrimas, deitou-se sobre as tábuas espessas até que a lua se ocultou atrás do horizonte e, enquanto rememorava o passado, compôs:

A lua não é a mesma, já não é a primavera a primavera passada. Eu, somente, não mudei.

Esses são os versos que escreveu. Quando surgiu a aurora, chorando, chorando, retirou-se.

